

# A FELICIDADE DO HOMEM ANTIGO

WALTER BENJAMIN

Traduzido por Anderson Gonçalves\*

## Nota do tradutor

Mediante um fuso histórico-filosófico (ou ainda, histórico-metafísico) e não meramente por meio de uma descrição de pormenores empíricos (instituições, costumes etc.) é possível, conforme diz Walter Benjamin em sua mocidade, alcançar a verdadeira significação histórica de um estado de coisas<sup>1</sup>. Não seria muito diferente o pretendido por ele em 1916, um ano depois dessas considerações, com "A felicidade do homem antigo"<sup>2</sup>, pequeno ensaio preparatório ao *Trauerspielbuch*. Aqui, por meio da distinção schilleriana entre o ingênuo (antigo) e o sentimental (moderno), espécie de *topos* naquela época, articula-se um eixo da estrutura metafísica da história. Pelo negativo de uma imagem da felicidade miúda do homem sentimental, extraída do *Lenz* de Büchner, Benjamin prepara a cena para apresentar a imagem buscada, a felicidade do homem antigo.

Benjamin apresenta um homem moderno que se caracteriza como uma gente introvertida que se estiola e, arrefecida, se encaramuja. Sua felicidade é esta, a de um bicho de concha. Não participa do que entre os antigos era a pólis, *grosso modo*, um congraçamento social em que a política bem como a natureza portavam significação plena, em que a *vitória* da cidade fazia as vezes de signo da felicidade que havia entre eles; ou ainda, numa expressão usual da filosofia clássica alemã, o moderno não comunga da "bela totalidade", uma vez que por assim dizer o amiadado é uma sua *consigne* de grupo, que não se compõe como uma grande configuração (*Gestalt*). Mas nem só de harmonia com a natureza e o cosmos viviam os antigos, pois havia a *hybris*, que se constituía como uma perturbação da ordem social antiga, à maneira de um anúncio de novos tempos talvez. Com a *hybris*, surgia uma via de acesso àquilo que se ocultava, irrompe

<sup>1</sup> Cf. Benjamin, W. - "A vida dos estudantes" (1915). In: *Documentos de cultura, documentos de barbárie (escritos escolhidos)*. Seleção e apresentação de Willi Bolle. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1986, p. 41.

<sup>2</sup> Benjamin, W. - "Das Glück des antiken Menschen", In: *Gesammelte Schriften*, Frankfurt, Suhrkamp, 1972, vol. II.1, p.126-129. edição que serve de base para nossa tradução. No mais, todas as notas são do tradutor.

<sup>3</sup> Mestrando em Filosofia na FFLCH/USP.

o caminho da reflexão rumo ao “indivíduo”, ao “homem interior”; em duas palavras, o gérmen do próprio homem moderno. Em resumo, é como se Benjamin nos expusesse, em seus termos de uma história metafísica, algo da gênese, do modo como se dá a feitura do homem moderno.

Contudo, igualmente curioso é o andamento do texto. A despeito de o título anunciar o homem antigo, a imagem da felicidade deste só se torna nítida pela do moderno, mecanismo que ocorre também no sentido contrário. Isto é: uma pista de mão dupla que se poderia chamar, com Schiller (que a toma emprestada de Fichte), de “determinação recíproca”.

## A FELICIDADE DO HOMEM ANTIGO

Walter Benjamin

Os homens que vieram depois dos antigos talvez conheçam apenas um único estado de alma em que seu interior, com plena pureza e grandeza, põe-se em relação com o todo da natureza e do cosmos ao mesmo tempo, a saber: a dor. O homem sentimental, como Schiller o chamou, pode adquirir um sentimento aproximadamente puro e grande, isto é, aproximadamente ingênuo, dele próprio, apenas pelo alto preço de recolher toda sua essência interior numa unidade separada da natureza. A sua suprema simplicidade e integridade repousam ainda nesta separação da natureza por meio da dor, e novamente nesta contraposição manifesta-se ao mesmo tempo um fenômeno sentimental e uma reflexão. Projõe-se diretamente ao pensamento que a reflexão esteja presa com tamanha intensidade ao homem moderno que, na simples e singela felicidade, que não conhece a oposição com a natureza, o homem interior lhe apareça imediatamente desprovido de valor e desinteressante não podendo assim estender-se profundamente livre em direção ao que é externo, permanecendo antes de tudo numa espécie de vergonha oculta e estreita. Além do que, a felicidade para os modernos significa naturalmente um estado da alma sentimental *kat' exochē*<sup>3</sup>, no entanto nada é mais significativo que sua tentativa de dar uma reinterpretação sentimental à mais pura revelação do ingênuo. Os conceitos de inocência e infantil contestam esse processo de reinterpretação, com sua confusão de representações falsas e corrompidas. Enquanto a inocência ingênuo, a grande inocência, vive em contato imediato com todas as forças e formas do cosmos encontrando seus símbolos na pureza, na força e na beleza da forma, para o homem moderno ela significa a inocência do homúnculo, uma microscópica inocência diminuta, na forma [*Form*]<sup>4</sup> de uma alma que nada sabe da natureza, que completamente envergonhada não ousa reconhecer diante de si mesma o seu estado, de algum modo – repetimos – como se um homem feliz fosse um casulo todo vazio, isto para não afundar em vergonha perante seu próprio olhar. Por isso a sensação moderna da felicidade possui a um só tempo o pequeno e o secreto, e dela nasce a representação da alma feliz, que renega sua felicidade diante de si mesma numa atividade contínua e num estreitamento artificial do sentimento. A mesma significação tem a representação da felicidade infantil, uma vez que ela também não vê na criança a essência sensível e pura, a qual se expressará ime-

<sup>3</sup> *Kat' exochē*, o equivalente em português é a expressão “por excelência”.

<sup>4</sup> Todas as outras ocorrências da palavra “forma” traduzem *Gestalt*, que também pode ser vertida por “figura”, “feição”, “aspecto” ou “configuração”.

diatamente como outro sentimento, mas sim uma criança egocêntrica, insciente e distraída que por isso reinterpreta e apequena a natureza em sentimentos inconfessados. No *Lenz* de Büchner, a pequena felicidade da alma sentimental está caracterizada numa fantasia do doente que procura repouso: ““Veja a senhora, retomou ele, 'quando ela caminhava pelo aposento e cantava quase que para si mesma, e cada passo era uma música, havia uma tal beatitude nela, e isso afluía sobre mim; eu sempre ficava calmo quando olhava para ela ou quando ela em mim apoiava sua cabeça... inteiramente criança; era como se o mundo para ela fosse vasto demais: ela própria se encolhia, buscava o cantinho mais estreito de toda a casa e ali sentava-se como se toda sua bem-aventurança estivesse apenas num pequeno ponto e, então, comigo se dava o mesmo; como uma criança eu teria então perdido brincar””.

<sup>65)</sup> *Hybris* é tudo o que é excessivo, desmedido, é violência, ultraje, ardo excessivo, impetuosidade, insolência, orgulho.

Para a imagem que o homem antigo tem da felicidade, é decisivo que aquela pequena modéstia, que oculta a felicidade no indivíduo, seja escondida no seu mais íntimo, onde não possa de modo profundo ser alcançada pela reflexão (como um talismã contra a infelicidade); no homem antigo, ela se transforma no seu contrário mais terrível, o ultraje da altivez desvairada, a *ubriz*<sup>5</sup>. *Ubriz* é para o grego a tentativa de apresentar a si mesmo – o indivíduo, o homem interior – como portador da felicidade, *ubriz* é a crença de que a felicidade seja uma qualidade [*Eigenschaft*], e até mesmo aquela da modéstia, *ubriz* é a crença de que a felicidade seja algo outro que um presente dos deuses, que estes poderiam tomar a qualquer momento, que a qualquer momento eles poderiam infligir ao vencedor uma infelicidade inaudita (como no retorno de Agamênon). Com isso está dito que a forma, em que a felicidade visita os homens antigos, é a vitória. Sua felicidade é um nada, se não isto: que os deuses a impõem a ele, e sua fatalidade acontece, se ele quiser crer que *a ele* e precisamente *a ele* os deuses a deram. Para manter a reflexão longe do herói, para nesta hora derramar sobre ele toda bênção, bênção que reconcilia o vencedor com a cidade, com os bosques dos deuses, com a *eusebeia*<sup>6</sup> dos antepassados e, finalmente, com o próprio poder dos deuses, cantava Píndaro nesta hora suprema, que dos homens faz herói, os cânticos de vitória. E assim, na felicidade, estão reservados ao homem antigo estes dois pares: vitória e festa, mérito e inocência. Ambos de mesma necessidade e rigor. Visto que aí não mais se pode fazer alarde do mérito, quando ele nos combates é um combatente, os deuses podem ter enviado a ele, o excelente, o magnífico que o lança ao pó. E ele – o vitorioso – de novo agradecerá tanto mais aos deuses, que lhe agraciaram com a vitória sobre o mais heróico. Onde fica aqui o teimoso alarde do mérito, a aventureira expectativa da felicidade, que para os burgueses corrói a vida? O *agwn*<sup>7</sup>, e este é um sentido profundo de sua instituição, limita em cada um a medida da felicidade que os deuses lhe enviam. Mas onde ainda fica a vazia inocência preguiçosa do insciente, com a qual o moderno esconde de si mesmo sua felicidade? Visível a todos, o vencedor ali permanece, exaltado pelo povo, a inocência faz-se extremamente necessária *a ele* que segura nas mãos levantadas o vaso da vitória, como uma taça cheia de vinho, do qual uma gota vertida, caindo sobre ele, o maculasse eternamente. Ele não deve renegar nem furtivamente procurar obter o mérito, que os deuses lhe deram – e a reflexão sobre sua inocência não é necessária a esta, como à alma pequena e inquieta –, mas tem de cumprir as sagrações para que o círculo divino, que uma vez o escolhera, mantenha junto a si o forasteiro tal como faz com os heróis.

<sup>66)</sup> Sentimento dos que não são ímpios e, portanto, que honram, veneram e respeitam os deuses e suas leis; em Homero, um dos significados habituais era o sentimento de pudor, de temor religioso.

<sup>67)</sup> *Agôn* significa propriamente “reunião, assembléia”. Segundo Bailly (*Dictionnaire Grec-Français*. Paris, Hachette, 1985), “o sentido mais freqüente em Homero, e que se tornou usual mais tarde, é o de assembléia para jogos e, por extensão, combate e processo”, ou ainda, jogo, luta.

A felicidade do homem antigo conclui-se na celebração da vitória: na glória de sua cidade, na grandeza de sua região e de sua família, na alegria dos deuses e no sono que o transporta aos heróis.